

O PARQUE DAS IRMÃS MAGNÍFICAS OU SOBRE UMA POÉTICA DO DESTRATO

O PARQUE DAS IRMÃS MAGNÍFICAS OR ON A POETICS OF MISTREAT

Amanda Berchez¹

Resumo: Nosso objetivo principal é desenvolver uma leitura decolonial de *O parque das irmãs magníficas* de Camila Sosa Villada a partir das cifras que dão ao conhecimento a periferia dos sujeitos representados e a marginalização de seus corpos. Dessas cifras, focaremos na violência em suas várias modulações – particularmente, contra travestis, ensejando o que é chamado pela autora de “destrato perpétuo”, mas também contra a mulher, a violência policial, médica *etc.* –, a mendicidade, o vício, a (não opção senão à) prostituição, o suicídio. Já dentre as esferas em que elas serão averiguadas, enfatizaremos a sociopolítica, a linguística e a estética, não perdendo de vista o regime de indissociabilidade de forma e tema. Quanto a isto, sustentamos a forma rizomática do romance, sua concepção narrativa que quebra com paradigmas estruturais convencionais; quebra essa que reflete em tema o declínio sociopolítico aos processos de hierarquização e outremização pelos quais se urdiu a ficção (ou utopia) da Modernidade. Um basta: sem centro, sem margens.

Palavras-Chave: *O parque das irmãs magníficas*; Camila Sosa Villada; Literatura travesti; Leitura decolonial.

Abstract: Our main aim is developing a decolonial reading of Camila Sosa Villada's *O parque das irmãs magníficas* on the codes that communicate the periphery of represented subjects and the marginalization of their bodies. From these codes, we'll focus on the violence in its various modulations – particularly against transvestites, making room to what the author herself calls “perpetual mistreat”, but also against women, police and medical violence, *etc.* –, mendicancy, addiction, (no an option but to) prostitution, suicide. Among the spheres in which they will be investigated, we'll emphasize sociopolitics, linguistics and aesthetics, not losing sight of the regime of inseparability of form and theme. In this regard, we endorse the rhizomatic form of the novel, its narrative conception that breaks with conventional structural paradigms; this break reflects the sociopolitical decline related to the processes of hierarchization and

¹ Mestra em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas – Brasil. Doutoranda em Estudos Literários na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Araraquara – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-2137-8024>. E-mail: amandaberchez@gmail.com.

outremization through which the fiction (or utopia) of Modernity was woven. Enough: no center, no margins.

Keywords: *O parque das irmãs magníficas*; Camila Sosa Villada; Transvestite literature; Decolonial reading.

1. INTRODUÇÃO

As travestis se enforcam, as travestis abrem suas veias. As travestis padecem mais além da morte os olhares dos curiosos, os interrogatórios da polícia, os cochichos dos vizinhos, sobre o sangue ainda morno e cremoso que unta a cama.

— CAMILLA SOSA VILLADA

Encetemos na defesa de que verdades são criações. O que é tido por verdade se consolida mediante relações de poder, coloca e retira o holofote em valores específicos segundo cada cultura (isto é, aquilo que se cultiva) e, por isso mesmo, passa por diferentes regimes de visibilidade ao longo das épocas. Percebamos, neste sentido, que a construção de verdades não é senão incessante e multivetorialmente atravessada, quer pelos tempos, por individualidades, por acontecimentos políticos *etc.* Por muito tempo, eclipsou-se, por exemplo, que “Modernidade” configurou interpretação de cunho triunfalista e inventiva efetivada pelo Ocidente. Isto pois suas instituições, admitindo-se centrais e atuantes num presente universalizado, estearam-se na crença de incivilidade e, portanto, inferioridade de outros povos, suas extensões e formas de proceder por si mesmas *etc.*, para legitimar a imposição, o subjugo, o abuso, a obtenção de proveitos e outras circunstâncias de horror específicas que carregaram muito(s) dos países europeus a um suposto auge.

2. SELEÇÃO NADA NATURAL; OU SOBRE OS CAMINHOS DE SANGUE DA “MODERNIDADE”

A Modernidade fabricou o normal e, por consequência, também o anormal. Ela se ergueu com o exercício de certos grupos de um poder sobre as vidas e os corpos de outros, de cujo fundamento de cesura se seguiu um processo de investimento em tecnologias para a manutenção entre quem podia/devia viver e morrer. Noutras palavras, segundo Foucault (2005), as sociedades se fizeram modernas pela dinâmica do *biopoder* e seu lema “faça viver ou deixe morrer”: isso significa que, para o Estado capitalista burguês poder investir nos estratos hegemônicos da população, foi preciso desinvestir em vidas-corpos social e politicamente não aliados a ideais normativos de/para pertencer à nação, economicamente não integráveis à sua lógica de produtividade. Conjugada a isso, também a organização da existência pelo privado: os homens foram delegados ao trabalho fora; os delinquentes, às prisões; “loucos”, ao manicômio; às mulheres, coube o doméstico. Mas e os desencaixes? Às margens. Um sistema cujo intuito foi afastar os desobedientes dos lugares de distinção e possível representação. Tudo isso em perspectiva, tiramos que: o gozo de plenos direitos e privilégios, a produção de conhecimento e o acesso a saberes, o estatuto de cidadão de uns se deram às custas da invisibilidade, quando não exatamente o cancelamento, enfim, da *marginalidade* (ou, se quisermos, da *marginalização*) de outros.

Ocorre que, mais que moldar a ocupação dos espaços em sociedade, essas esferas (o aparelho e a violência estatais, por exemplo) também conformam horizontes subjetivos e aspectos da subjetividade, como o acesso a si, as possibilidades de fala, o domínio dos desejos e o verdadeiro reconhecimento dos seres enquanto sujeitos. Junto a isso, e também considerando a gestão com vistas à continuidade de certas vidas e, por consequência, de políticas para tornar outras nulas, exterminadas, silenciadas,

entendemos que viver é um ato por completo político. Donde a escrita também o seja.

3. NEGATIVA AOS SILENCIAMENTOS; OU SOBRE OS PERIGOS DO SILÊNCIO

No caso de indivíduos em algum ou vários níveis marginalizados, como travestis, escrever sobre si, poder exercer a autonomia de uma primeira pessoa, tornar seu discurso legível, além de autoafirmação, tudo isso é contranormativo, antiopressivo, rebelião. Pois constitui superação da tradição do silêncio – ou do silenciamento –, é o resgate do que foi foco da repressão, do que se tentou suprimir: existências e sua legitimidade. Já bem disse Anzaldúa, mulher lésbica chicana, ávida confrontante da intransponibilidade de gêneros, raças, culturas, classes etc.: *“The meaning and worth of my writing is measured by how much I put myself on the line and how much nakedness I achieve.”* (1983, p. 172). Atenção para o *eu* ali destacado: se acessar e manifestar o trauma, a ferida, o estrago é empreitada perigosa, diria Moraga, parar antes disso o é ainda mais, diria Anzaldúa: *“I write because I’m scared of writing but I’m more scared of not writing.”* (1983, p. 170). Pois é sobre acessar e ter direito àquilo que se é: *“I write to record what others erase when I speak, to rewrite the stories others have miswritten about me, about you. To discover myself, to preserve myself, to make myself, to achieve self-autonomy.”* (1983, p. 170).

4. A CENA LITERÁRIA COMPARTILHADA ENTRE IRMÃS; OU SOBRE “A FESTA DE SER TRAVESTI”

Camila Sosa Villada: travesti que não abriu mão desse seu lugar de singularização, do relato nas fronteiras da norma, de uma *“organic writing”* nos termos de Anzaldúa. Em consonância, ela declara em entrevista²: “De fato, eu

² Disponível em: [youtube.com/watch?v=gkYNxzsCES8](https://www.youtube.com/watch?v=gkYNxzsCES8); acesso em 24/04/2022.

sempre escrevo para mim mesma”; já sobre suas motivações para escrever *para si e sobre si*, em especial quanto à violência a ela (e a outras em condição similar) desferida por ser travesti e pobre na América Latina, ela assinala a imprescindibilidade da escrita, associando-a à premência e à concomitante dificuldade de narrar o trauma: “Às vezes, eu sinto que gostaria de não [o fazer]. Porque é uma pulsão que amiúde eu preferiria não ter. No entanto, em outras ocasiões, sinto que é a única forma de existir que há no mundo, pelo menos, para mim.” (grifo nosso). Em *O parque das irmãs magníficas*, ela utiliza de seu espaço narrativo e emprega sua voz como narradora para não só trazer a história de si, mas também as daquelas travestis que não o puderam fazer. Em sendo indissociáveis tema e forma, a estruturação que faz desta última é plural, como que e porque reflexa de sua empatia: se intercalam mais cenas, mais atores, mais corpos marcados, mais bocas, mais ouvidos. Ela declara a nós: “A dor de uma era a dor de todas.” (VILLADA, 2021, p. 105). Seu palco não é somente seu, mas isso é parte de sua proposta, a qual acreditamos poder formalizada ser na seguinte equação e devidos termos: elogio à interseccionalidade, à interação com o diverso; necessidade de ampliação na inteligibilidade dos modos de ser e atuar no mundo (a saber, em sociedade e natureza); e consequente declínio de imposições normativas e asfixiantes sobre esses modos.

Assim, já é nós possível sustentar a rizomorfia do romance (isto é, sua organização rizomórfica), dentro da concepção deleuziana-guattariana segundo a qual “qualquer ponto [...] pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem.” (1995, p. 15). Como sugerimos, em Villada, não há uma ordem fixada. Em termos de forma, sua primeira pessoa (e mesmo a ânsia de usá-la, segundo visto, que a autora diz efetivar um “egoísmo”) não arquiteta ou contempla só o relato de si. Tanto o é que ela só se manifesta uma vez introduzido o grupo de travestis do Parque Sarmiento e a ocorrência do amparo (primeiro, por Encarna) ao bebê chamado “O Brilho dos Olhos”: “*Eu vou morta de medo. Caminho atrás delas*

quase correndo”, pois “ah!, é preciso ser travesti e levar um recém-nascido ensanguentado dentro de uma bolsa para saber o que é o medo.” (2021, pp. 20-21, grifo nosso). A isso, contribui a construção sintática siléptica, de modo que a narradora faz questão de reforçar a noção de um “nós”: “*éramos* pessoas amorosas castigadas pelo sistema, a sorrir na fila do supermercado, a dizer sempre obrigada e por favor, o tempo todo. E [...] muitas desculpas, que é o que as pessoas gostam de escutar de putas *como a gente*.” (VILLADA, 2021, p. 29, grifo nosso).

Uma forma rizomática pressupõe o contato com o outro e a admissão de relações múltiplas, por consequência, também o ensejo e a acolhida a novas formas de existência. Estas, Villada maneja em vários níveis. Um exemplo é o gênero. Primeiramente, temos a questão do gênero em termos biológicos, cujas barreiras convencionais (i. e., a binaridade que não foge/exclusivamente reconhece masculino e feminino) a obra rompe com lances como aquele em que Encarna “[...] desnuda seu peito siliconado e aproxima o bebê dele”, numa inclinação que naturalmente lhe surgiu a amamentá-lo dada a impiedosa fome do recém-nascido: “O menino fareja a teta dura e gigante e a abocanha com tranquilidade.” (VILLADA, 2021, pp. 22-23). Ato a que se recusou sua genitora ao abandoná-lo, seu pai tampouco providenciando-lhe abrigo e cuidados.

O outro sentido do rompimento com o gênero é referente ao campo literário. Essa obra pode ser lida, sim, por autobiográfica, testificado em entrevista o esforço de Villada de contar o que aconteceu com ela, a despeito da confissão de não ter conseguido fazê-lo como o gostaria. Isso nos remonta à necessária comunicabilidade do trauma (de recorrer à memória para o narrar), escoltada da insuficiência da linguagem³. Trata-se da *tensão do indizível* perante as atrocidades experienciadas. Vejamos:

³ Para melhor entendimento da sentença, trazemos o testemunho de Robert Antelme sobre sua experiência nos campos nazistas: “E desde os primeiros dias, no entanto, *parecia-nos impossível preencher a distância que descobrimos entre a linguagem de que dispúnhamos e essa experiência*

O desprezo com que nos olhavam. A maneira como nos xingavam. As pedradas. As perseguições. O policial que tinha urinado na cara de María, a Muda, de pistola na mão, dizendo que, se ela não dissesse o nome dele, descarregaria todo o tambor na cabeça dela e na de todas as que servíamos de testemunha. Cada uma das porradas que eram somadas às que nos deram nossos pais para nos reverter, para nos trazer de volta ao mundo dos normais, os corretos, os que formam famílias e têm filhos e amam a Deus e cuidam do seu trabalho e tornam o patrão rico e envelhecem ao lado de suas esposas. A fúria contra o silêncio e a cumplicidade de nossas mães com o desprezo sistemático de nossa existência. (VILLADA, 2021, p. 131).

Uma autobiografia esteia-se na ideia de *verdade* (ainda que a vida em jogo seja ficcional, caso de *Jane Eyre*, por exemplo), pretende que os eventos expostos sejam recebidos como *de facto* decorridos. Sendo *também* neste quadro que vislumbramos *O parque das irmãs magníficas*, devemos dizer que a insuficiência supradita (de contar uma vida talhada por traumas), conforme nos parece, foi burlada pela autora por recursos que extrapolam uma abordagem tão somente realista de si e demais histórias. Constituintes do romance como a transformação de María⁴ em pássaro e a de Natalí⁵ em “lobiscate” (não era, com efeito, *lobisomem*), ou até a – talvez metafórica – alusão aos 168 anos de Encarna⁶, nos levam a pensar na convivência do tido “natural” com aquilo que o excede. Tangente ao genérico, é plausível mesmo a referência ao fantástico em seu formato contemporâneo, que “postula a transgressão do código realista ao propor a analogia a uma realidade não só que admite como de que provém o

que, em sua maior parte, nos ocupávamos ainda em perceber nos nossos corpos. [...] Mal começávamos a contar e sufocávamos. A nós mesmos, aquilo que tínhamos a dizer começava então a parecer inimaginável. Essa desproporção entre a experiência que havíamos vivido e a narração que era possível fazer dela não fez mais que se confirmar em seguida.” (1957, p. 3 apud SELLIGMAN-SILVA, 2008, p. 70, grifo nosso).

⁴ “María finalmente cedeu, me chamou ao seu lado e ergueu a blusa toda banhada em lágrimas, [...], mostrando as costelas do lado esquerdo, de onde brotavam umas penas minúsculas de cor cinzenta, parecidas às de uma galinha pintada.” (VILLADA, 2019, p. 73)

⁵ “Acontecia que Natalí era a sétima filha homem de sua família e, nas noites de lua cheia, se convertia em lobiscate.” (VILLADA, 2019, p. 88)

⁶ “Tia Encarna tinha cento e setenta e oito anos. Tia Encarna tinha cicatrizes de todo tipo, feitas por ela mesma na cadeia (porque é sempre melhor estar na enfermaria que no coração da violência) e também fruto de brigas de rua, clientes miseráveis e ataques de surpresa. Tinha até uma cicatriz na bochecha esquerda que lhe dava um ar malévolo e misterioso.” (VILLADA, 2019, p. 25)

sobrenatural”, mostrando “a inconsistência dos contornos, cultural e ideologicamente falando, do mundo em que [se] vive” (BERCHEZ, 2020, p. 83). O que conectamos com a fala de um expoente brasileiro do fantástico contemporâneo, Murilo Rubião, sobre seus heróis: “A atmosfera irreal ou sobrenatural, que muitos julgam cercar as suas ações, existe somente para os que vivem à margem da vida [...]” (SCHWARTZ, 1981, p. 116). Como em Rubião, a incursão de Villada pelo fantástico parece corroborar formalmente com o propósito de abordar a desumanização de vidas marginalizadas, no caso, as vidas travestis.

Um comentário oportuno: ainda que Villada, na condição de autora e narradora, assim como as personagens-irmãs cuja participação ela inscreve em seu relato, possa ser compreendida na categoria trans (termo guarda-chuva usado mais amplamente para referir àqueles que não se identificaram com o gênero com que nasceram), ela confessa decidir, em entrevista, permanecer sob a égide travesti:

Me chamo de travesti porque é a palavra mais coberta de detalhes que fizeram para nossa história: sêmen, sangue, sujeita, golpes, cuspe, álcool, cocaína, pílulas, saliva, pedras, fome, dinheiro, beleza, assombro, espanto. As denominações “mulheres trans” e “trans”, sobretudo, me parecem que lavam essa sujeira para nos assimilar.

5. COMUNICAÇÃO DE UMA LEITURA TAMBÉM RIZOMÁTICA

Feitas essas considerações incipientes, nosso próximo passo é desenvolver uma leitura de *O parque das irmãs magníficas* a partir das cifras que comunicam a *periferia* des sujeites e a *marginalização* de seus corpos. São precisamente as duas últimas chaves, mormente em termos de gênero (pois consiste em uma obra de uma autora travesti cuja protagonista homônima é travesti) e geografia (pois a autora é argentina e a narrativa é localizada em Córdoba), que nos fazem adentrar a área dos estudos decoloniais, de cujos métodos nos valem para investigar o romance. A concepção que orienta este

projeto é a mesma expressa por Laclau e Mouffe, isto é, de que existem formas de ser coagentes e coagidas, numa lógica segundo a qual “*the presence of the ‘Other’ prevents me from being totally myself. The relation arises not from full totalities, but from the impossibility of their constitution.*” (2001, p. 125). Dessas cifras, destacaremos a violência em suas várias modulações – sobretudo, contra travestis, ensejando o que Villada (2021, p. 102) chama de “destrato perpétuo”, mas também contra a mulher, a violência policial, médica *etc.* –, a mendicidade, o vício, a (não opção senão à) prostituição, o suicídio. Já dentre as esferas em que elas serão averiguadas, enfatizaremos a sociopolítica, a linguística e a estética, as pensando no regime de indissociabilidade de forma e tema.

Vale também dizer que nossa empreitada de ler decolonialmente esteia-se no juízo de que a constituição do sistema-mundo⁷ (termo remetente à abordagem desenvolvida por Wallerstein [2011, p. 662] e definido como sistema social com limites, estruturas, grupos, regras de legitimação e coerência) tal como o (re)conhecemos hoje, dada a partir do século XVI, e suas relações de poder fixadas mediante exploração, dominação e conflito teve e tem três principais pilares: a raça, o gênero e o trabalho⁸. A permanência dessas relações na contemporaneidade significa que, embora o colonialismo tenha se desenrolado com os processos de independência, “[a]s zonas periféricas mantêm-se numa situação colonial”, cuja referência é europeia/euro-norte-americana/ moderna/capitalista/colonial/patriarcal (GROSGUÉL, 2008, p. 126; 113). Este fenômeno foi formalizado neste campo como *Colonialidade do poder*, com controle, para além do âmbito econômico e da autoridade, também sobre o conhecimento e a subjetividade, nisto abarcados justamente os níveis de gênero e da sexualidade. Para Ballestrin (2013, p. 102), citando Grosfoguel

⁷ Articulador dos “lugares periféricos da divisão internacional do trabalho com a hierarquia étnico-racial global e com a inscrição de migrantes do Terceiro Mundo na hierarquia étnico-racial das cidades metropolitanas globais” (GROSGUÉL, 2008, p. 126).

⁸ “A raça tem sido um parâmetro de diferenciação constante, assim como a riqueza, a classe e o gênero, todos relacionados ao poder e à necessidade de controle.” (MORRISON, 2019, pp. 13-14)

(2008, p. 113), “às Américas chegou o homem heterossexual/branco/patriarcal/cristão/militar/capitalista europeu’ e, com ele, a reprodução dos padrões hierárquicos globais já existentes”. cremos ser procedente dizer que as cifras que objetivamos examinar, senão consequências exatas dessa reprodução, dialogam diretamente com tais valores para cá transladados. Inclusive, entendemos o “destrato” denunciado por Villada numa lógica semelhante à aventada por Kilomba (2019), isto é, como efeito da projeção dos sujeitos portadores-reprodutores dos “valores hierárquicos” supracitados sobre o *outro* por eles criado porque deles destoante, com o qual eles não querem dialogar, quem eles não querem ser, tampouco parecer. Tanto mais marginalizado quanto mais opressões somar, esse *outro* é sentido enquanto ameaça, é “o perigo, o violento, o excitante, e também o sujo, mas desejável” (KILOMBA, 2019, p. 37).

6. A EXISTÊNCIA DE SANGUE DAS SUBJETIVIDADES MARGINALIZADAS

A existência integral das travestis, relata a autora (2021, p. 222), “era um delito”. Tal concepção, associada ao complexo de relações que asseguram a *Colonialidade do ser* (isto é, relações em que o *outro* é inferiorizado, principalmente em sendo levadas em conta sua orientação sexual, sua identidade e sua expressão de gênero), vimos que Villada burla com seu protagonismo: autora travesti, voz travesti sobre heroína(s) travesti(s). Na obra, notamos tais relações ganhando forma a partir de categorias como tempo, subjetividade e espaço. Quanto à primeira, observamos pelo exemplo de Encarna e a menção aos seus 168 anos a indicação de que o tempo na vida travesti decorre aceleradamente: “um ano nosso equivale a sete anos humanos” (VILLADA, 2021, p. 89), informa a narradora. O que nos ajuda a entender a celeridade de muitas histórias trazidas à cena, que reporta à dimensão do *trabalho*, ponto que soma forças ao de gênero, e, juntos, envolvem a

Colonialidade do poder. São os corpos infratores do cis-heteropatriarcado os *condenados* ao esgotamento [também] pelo trabalho, posto que “mantidos abaixo das dinâmicas usuais de acumulação e exploração” a quem cabe apenas “aspirar ascender na estrutura de poder pelos modos de assimilação que nunca são inteiramente exitosos” (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 51), para a sustentação do regimento colonial. O que se agrava no caso dos seres, como as irmãs do Sarmiento, para os quais a prostituição parece a única opção de trabalho com vistas à sobrevivência – e, não, ao viver em dignidade – possível. A este entendimento, apontam as constatações da narradora de seu “envelhecimento precoce” e do fato de que “[...] acabava muito cansada depois do trabalho. Sentia que estava gastando o corpo numa velocidade tremenda.” (VILLADA, 2021, p. 89).

A precariedade da existência, também em termos de condições de trabalho (isto é, em função amiúde deste mesmo), tinha por tangentes, como lemos da travestilidade nessa obra, a dependência química e o suicídio, afóra a vizinhança com a mendicância (em suas várias modulações). Escapes para a exaustão que comentávamos dos corpos condenados – em questão, os das travestis e “preço miserável” colocado sobre eles (VILLADA, 2021, p. 102) –, a narradora, como suas irmãs, encontrava nos vícios: “Estávamos acostumadas ao [...] uísque barato, à genebra, ao rum, ao anis, todos misturados com clonazepam ou cocaína, ou com refrigerante, se não havia outra coisa.” (VILLADA, 2021, p. 90). O peso dos fardos carregados, muitas vezes, não pôde ser atenuado mediante esses artifícios para subsistência. É onde entra o suicídio, que prismamos em juízo semelhante ao “testemunho integral” a que se referiram Primo Levi em *I sommersi e i salvati* e Jorge Semprún em *La escritura o la vida*, ambos sobreviventes ao *Lager*; a saber, aquele que provou da barbárie em sua completude e não mais pôde dela emergir. Levi, inclusive, não aguentou a culpa de ter ficado (de ter sido um “testemunho parcial”, já que conseguiu escapar dos abismos de horror enquanto muitos não o fizeram) e, em abril de

1967, cometeu suicídio. Nosso ponto é o de que experiências desumanizantes podem catalisar o caminho ao inorgânico, à descontinuação da vida. Não à toa a narradora revela o “desejo de morrer” com que se entende desde “muito criança”, mas também o suicídio de Sandra, “consequência da mais pura tristeza” (VILLADA, 2021, p. 79 e 170); inclusive, as irmãs eram sentidas por ela – e atenção novamente à silepse integradora – como “aquelas que éramos mais próximas do suicídio”.

A marginalidade, no romance, faz aproximar as irmãs travestis e uma mendiga de nome Silvia. Este parêntesis se presta apenas como registro sobre os nada novos costumes da contemporaneidade, posto, por exemplo, que, em determinado momento da história, as únicas a se compadecer e tomar providências quanto ao estado crítico de saúde em que se encontrava a indigente foram aquelas para as quais a sociedade deu e dá as costas. Não fosse por Sandra, a que suicidou, ela teria perdido sua vida nas ruas mesmo, sem qualquer assistência. Também é preciso destacar que essa mesma personagem, Silvia, ainda que em situação de miséria, mal tendo para suprir a si, não deixou de se importar com os animais abandonados, conforme seu rogo: “[...] pediu por suas cachorras, disse às enfermeiras que nos avisassem. Que guardássemos aquele lugar para elas. Que instalássemos uma cama quente e deixássemos água e comida todos os dias para elas.” (VILLADA, 2021, p. 98). Isso, em arranjo com outros argumentos expostos, nos leva a crer que a *humanidade* tem estado vinda, emanado daqueles para os quais ela menos se manifestou, este tópico sendo validado pela educação (não pautada pela violência e, portanto, de essência decolonial) que Encarna dá para O Brilho no intuito de que ele não absorva e padeça demonstrações homofóbicas sobre seu núcleo familiar não tradicional. Nas palavras de Encarna: “Quero que ele aprenda a devolver flores mesmo que receba merda” (VILLADA, 2021, p. 161). A promessa para seu Éden é de receber “toda a bondade que este mundo mesquinho lhes negou” (VILLADA, 2021, p. 162). Não nos esqueçamos de que, analogamente às irmãs,

Brilho também foi enfeitado, ele é produto de e estorvo para uma sociedade marcada por aprisionamentos normativos e binários. E talvez isso até nos ajude na inteligibilidade do porquê da escolha de uma personagem do gênero masculino: ele é ressignificação, respiro poético para nós que o lemos, alívio para as vidas manchadas de sangue que lemos; em paráfrase a Encarna, é “a flor que *nasce* da merda”. De tão hereticamente aperfeiçoada, sucumbiu à hostilidade do *cistema*. De qualquer modo, a lição ensinada por Brilho, pelas irmãs, por Villada é a de que, mesmo no enfeitamento, na marginalização, e apesar disso, continua havendo vida, possibilidade; há dor, mas há festa também. Dura resiliência.

No respeitante às duas últimas categorias inventariadas (as quais: subjetividade e espaço), dizemos que podemos tomá-las em conjunto pela fórmula expressa na obra: não se permite que as travestis existam em plenitude como são [e] onde estão: “Partir de todos os lugares. Isso é ser travesti.” (VILLADA, 2021, p. 138). Ou sofrem de uma política de nebulosidade, ou sobre elas é jorrada uma luz cegante, sendo elencadas como aberrações⁹ num palco cujo público se serve de seus supostos desvios para reforçar a própria imagem de benignidade, mantendo para com elas relações ora de desejo, luxúria, libido (pulsão de vida), ora de ódio, anseio por sua destruição, extermínio (pulsão de morte). De qualquer modo, negavam-lhes o *ser-aí-no-mundo* (como o *Dasein* heideggeriano), desconsiderados espaços específicos e à margem em que refugiam seu desterro, como o casarão rosado, a funcionar como sua terra natal, um dos poucos lugares onde estão seguras:

María, a Muda, estava proibida em todos os lugares. Não a deixavam entrar nem nos bares, nem em restaurantes, nem nas igrejas, nem nos imundos escritórios do poder público. Quando ia ao supermercado, pediam que se retirasse; se ia à quitanda, a expulsavam com escárnio. (VILLADA, 2021, p. 134).

⁹ “Desejar homens que me rechaçavam por ser como era. Não poder admitir que me prostituía porque ser puta travesti era a pior aberração concebível.” (VILLADA, 2019, p. 109)

É significativa, nesta linha de raciocínio, a passagem de despedida à travesti Angie, que a narradora aproveita para revelar a fala de um policial outrora a ela, relativa à ambiência hospitalar, numa retórica que trabalha a ameaça, a tensão da morte: “‘É o único lugar a que vocês pertencem’, me disse uma vez um policial que quis me levar presa. ‘Vocês vão acabar lá’, falou, apontando o Rawson, o hotel de nosso desamparo.” (VILLADA, 2021, p. 130, grifo nosso). Já que tratávamos da marginalidade, complementemos dizendo que a vemos se cumprir nas vidas travestis do romance também no concernente a atendimentos médicos, mesmo em constituindo elas um dos grupos que mais deles precisava, dadas as calamidades a que estavam sujeitas: “os médicos sempre tratavam mal as travestis, faziam com que se sentissem culpadas por todos os males que as afligiam.” (VILLADA, 2021, pp. 68-69). Ilustremos isto com a personagem de Patricia, que respondia por “A Manca, A Noia ou O Louco”, mas “nunca foi levada a um oculista, [nem] atendida por causa de sua coxeira,” (VILLADA, 2021, p. 142). Donde percebamos, pela e a despeito da trágica associação de pertencimento das travestis a um meio que é, por essência, o do patológico, as incongruências delegadas aos contornos de sua existência, conforme falávamos. Não deixemos de ressaltar o sentido que esse meio adquiriu para as travestis: “espécie de hotel emergencial para nós todas, *antessala de nossa morte*” (VILLADA, 2021, p. 130, grifo nosso).

E, em consistindo a Colonialidade do ser no estabelecimento de uma realidade que inferioriza pelo modo de existir, podemos dizer, então, que isto enxergamos na revelação da narradora de que as irmãs do Parque Sarmiento eram apreendidas como “baratas”. Por esta escolha, anuncia-se o julgamento comum tido sobre as travestis e a forma como elas ocupam os lugares em sociedade. A entrada do verbete “barata” na caixa de dicionário¹⁰ do Google,

¹⁰ Disponível em: bit.ly/3MZqi0Q; acesso em 10/5/2022.

com definições de Oxford, atesta o vínculo (inclusive, estético) feito com um mórbido imaginário de contaminação, pragas, do que deve ser exterminado. Por falar em estética, a *imagem* é estipulada por Morrison (2019, p. 35), juntamente à linguagem e à experiência, como fonte para acesso ao outro, com potencial de transformar e acometer o conhecimento e os afetos. Levando isso em conta, parece-nos válido estender ao contexto travesti a análise de Kilomba (2019) sobre as *fantasias coloniais* que impactam a presença des sujeitos nos espaços. A transgressão das travestis à cisnormatividade, que arquetipou o padrão de beleza branco e com traços europeus¹¹, as coloca em condição ambígua, que inclui formas de controle: trata-se de um *estrangeirismo seduzente*, um *entreterras* que as torna foco de olhares curiosos e questionamentos invasivos¹², que as dispõe como alvos marginais dos quais se pode extrair o prazer, passíveis de serem, portanto, genuinamente infringidos. A lógica é a do outro “com quem não quero me associar, mas que eu quero que, às margens mesmo e sem que delas ele saia, me satisfaça”:

Os homens solitários olham para mim, os casais cochicham. Fazem isso com descaramento, não se importam que eu os perceba me escrutinando como se fosse uma oferta na vitrine. Não há reparos para sua indiscrição, mas há, sim, para a minha indiscrição no vestir. Não podem olhar outra coisa. É isso que conseguimos, as travestis: atrair todos os olhares do mundo. Ninguém resiste ao feitiço de um homem vestido de mulher, esses maricas que ousam ir tão longe, esses degenerados que capturam as atenções. (VILLADA, 2021, p. 148).

Observamos o reforço da marginalidade com a invalidação desses sujeitos e seus corpos mediante o uso (não) consciente da língua, estando um

¹¹ Não à toa se tenta, mesmo no romance, neste modelo (sobretudo, do que deve ser uma mulher, do que se espera que seja uma mulher – nos termos da narradora, “a supremacia da [...] vagina”) encaixar: “A luta pela beleza nos deixara todas no puro osso, mas sabíamos que, se nos descuidássemos, não sobreviveríamos ali no Parque. Todo dia era preciso tapar a barba, depilar o bigode com cera, passar horas alisando o cabelo com o ferro de passar roupa, caminhar sobre aqueles sapatos impossíveis [...]” (VILLADA, 2019, p. 140).

¹² Lembramos do excerto das travestis com O Brilho: “É uma imagem perturbadora para as pessoas na rua.” (VILLADA, 2019, p. 99).

exemplo disso na passagem em que, além da própria agressão verbal à personagem de Tia Encarna, a ela o vizinho se refere no masculino: “Degenerado! Ladrão de crianças!” (VILLADA, 2021, p. 132). Mas também quando Encarna e as irmãs, mesmo dentro de casa, lugar que em tese se associa a abrigo e deveria significar proteção, ouvem pelas paredes: “Aidéticos! Arrombados!” (VILLADA, 2021, p. 132). Ponto em que novamente é confirmado – ou, pelo menos, se tentou determinar – o não pertencimento dessas personagens. Isto pois: “[...] a língua [...] tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade. (KILOMBA, 2019, p. 14). Em paráfrase a esta última autora, a língua, no caso desses empregos vistos no romance, serve para a comunicação da anormalidade, da defesa de que não são aqueles sujeitos-corpos a representar a verdadeira condição humana. “No dia seguinte, picharam de vermelho em nossa parede a palavra VEADOS, do tamanho de uma calamidade. [...] o que significava que o bairro todo estava contra nós.” (VILLADA, 2019, p. 132). O que nos reporta à tendência dos humanos de que falava Morrison a “separar aqueles que não pertencem ao nosso clã e julgá-los como inimigos, como vulneráveis e deficientes que necessitam ser controlados” (2019, p. 13).

Esta linha linguística de argumento nos fazer lembrar de Butler (2015) quando ela sustenta que o sujeito não é produto necessariamente objetivo daquilo que conformou as condições inaugurais de seu *estar-aí* no mundo, embora há como isso ser desprezado. A norma afeta sua reflexividade e também é afetada por tal sujeito ao passo que a modifica e afirma seu próprio campo de existência por seu incessante ato de (re)criar. Sujeito, aqui, transita entre efeito da injunção e autoria de si, dimensões essas que não se distinguem e, sim, acontecem dialeticamente em conjunto. É uma luta contínua (nem completamente determinada, nem a cabo livre) contra o que não se pôde escolher, mas também contra o que, de um modo ou outro, se é impedido de ser.

Articulando com o romance, percebemos que, apesar da [orientação à] outremização travesti (uma vez estabelecido que os corpos delas poderiam ser, sem qualquer preço de consciência, invadidos sem consentimento¹³, maltratados¹⁴, violados¹⁵ *etc.* e, às últimas consequências, impunemente mortos¹⁶), apesar da tentativa de mutar as irmãs da obra e outras tantas factuais, a linguagem de Camila (e, aqui, falamos tanto da narradora-protagonista quanto da autora), extensão da *resistência* que o seu ser no mundo e(m) seu corpo representa(m), não é passível de ser enclausurada, tampouco seu discurso¹⁷, fechado, limitado.

A linguagem é minha. É meu direito, uma parte dela me pertence. Veio a mim, eu não a procurei; portanto, é minha. Minha mãe a herdou, meu pai a desperdiçou. Vou destruí-la, adoecê-la, confundí-la, perturbá-la, vou despedaçá-la e fazê-la renascer tantas vezes quantas forem necessárias, um renascimento a cada coisa bem feita neste mundo. (VILLADA, 2021, p. 147).

¹³ Recordamos do episódio em que Camila foi intoxicada por dois clientes, teve uma garrafa nela enfiada, e ainda toda a cena foi gravada e lançada às redes: “Em seguida vejo a mim mesma na tela, com uma garrafa de cerveja saindo da minha raba e a cara de um deles apoiada na minha anca. Lindo retrato para enviar como cartão de Natal. [...] Não consigo ouvir o que dizem. Estou fraca demais.” (VILLADA, 2019, p. 153).

¹⁴ De exemplo, as balas que atravessaram o joelho de Tia Encarna e nele deixaram duas grandes cicatrizes: “[...] assim como entraram, saíram, e nos dias de chuva era frequente vê-la mancar até a cozinha atrás de um copo d’água para tomar analgésico, porque a dor lhe dava tremedeiras.” (VILLADA, 2019, p. 26).

¹⁵ Não pudemos senão nos lembrar do fatídico episódio em que Camila se viu forçada a relações por ameaça policial de revelação de seu aparecimento público na condição de travesti: “Fiz sexo com eles por terror do castigo do meu pai. Preferi perder a virgindade, se é que se supõe nisso uma perda, a enfrentar a raiva paterna de saber que seu filho saía para rebolar vestido de mulher.” (VILLADA, 2019, p. 61).

¹⁶ “Numa noite, encontramos uma companheira morta, enrolada num saco de lixo preto [...]. [...] jogamo-nos na vala, ficamos imóveis como cadáveres e ali somos surpreendidas pelo mau cheiro e pelas moscas. Tia Encarna arranca o saco preto com as unhas e topa com o rosto desfigurado de sua amiga, já invadido por uma população de larvas que a devoram.” (VILLADA, 2019, p. 94)

¹⁷ A aceção de discurso pretendida assemelha-se à de Pinto e Mignolo (2015, p. 383) por transcender “[...] a simples ideia de pronunciamento oral ou escrito para referir-se a todo um conjunto de percepções de si e do mundo que as diferentes comunidades de sujeitos elaboram interativamente”.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Modernidade devida à Colonialidade ensejou a Marginalidade. Arrematamos a favor da assunção de caminhos decoloniais em vários e interligados sentidos: epistêmico, teórico, cultural, econômico, sociopolítico *etc.*, como pudemos ver a partir da análise de *O parque das irmãs magníficas*, mas sempre prático-pragmático, mesmo porque, dentro do pensamento deleuziano, um conceito interessa, com efeito, tanto quanto conseguir se provar ferramenta. Trata-se do comprometimento para com o outro e da validação de sua subjetividade tal como ela, em sua liberdade, se apresentar, movimentos esses que acabam nos impulsionando à revisão e, por consequência, ao descentramento (é o *deseurocentrar* metafórico) da heteronormatividade, à disrupção estrutural das linearidades pivotantes, à aceitação e ao redesenho das possibilidades de existência. Tirando a referência do centro, não haverá periferia, não haverá margem.

Só pode haver giro decolonial, sabemos, quando e se questionado o poder. Villada, com sua *escrevivência* (conceito de Conceição Evaristo para o entrelaçamento de língua, experiência, vida e autoria) é produtora de conhecimento, nos (re)submete ao processo de letramento para existir, reexistir, *resistir*. Com o próprio nome em jogo, ela dá a conhecer a “festa que é ser travesti”, que narra e da qual não é senão uma de suas personagens. Ela nos põe sempre a par e desvela lugares (e suas perspectivas) de marginalidade a partir dos quais se deu sua existência e a de suas irmãs, a partir dos quais se construiu sua fala de si e sobre elas. Com isso, ela também vence a *Colonialidade do saber*; em suas palavras, ela trouxe o que ficou, por muito tempo, turvo e flutuante para outra forma: a forma da arte. É polivalência, é semente, é efeito: de onde esperavam um enterro, ela fez uma árvore de mais galhos, com ainda mais frutos e, assim, mais sementes. Rede de iluminação mútua. Pois não olvidemos que designações e operações retórico-discursivas são também éticas.

Em Villada, não obstante, os valores daqueles lotados às margens fazem por reaver sua força. Ela entende e transmite a urgência de novos arranjos, noutras palavras, de uma nova epistemologia. Seu projeto vai além do biográfico porque não se restringe a si, vai além do realismo pelo sobrenatural. Das investidas visando à submissão, o saldo é uma subversão, repleta de reivindicações, o que também concorre para reforçar a identidade de uma classe, a *sua* classe. Sua escrita é política porque recupera e transmite histórias-objeto de silenciamento. Ela pode ser lida pela lente do decolonial porque nos ensina a (co)existir em interação respeitosa, em fala, mas também (e sobretudo) em escuta, no relativo tanto àquelas cujas posturas devem ser superadas (quem marginaliza) quanto àqueles feridos, outremizados, portadores de traumas, cuja existência-resistência em negativo serviu para tornar positivo o *estar-aí* hegemônico de alguém. A voz combativa de Villada convoca outras vozes (inclusive, as nossas, na condição de leitores ativos, a fim de que avancemos em seu legado, sua luta contra a inferiorização, a opressão, a violência, e concretizemos tão necessárias mudanças sociais), sempre garantindo que todos os nomes venham à baila, e cria um corpo coletivo, cuja envergadura plural acolhe e, não, marginaliza. Rizoma.

“Estamos cansadas da morte.”

— CAMILLA SOSA VILLADA

REFERÊNCIAS

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 11, pp. 89-117, 2013. Disponível em: periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/2069. Acessado em 5/3/2022.

BERCHEZ, Amanda. *Murilo Rubião, leitor*. 2020. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, 2020.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. *Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico*. Autêntica, 2018.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia (I)*. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia (II)*. Volume 3, 2ª edição. São Paulo: editora 34, 2012.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia (EDUFBA), 2008.

FEDERICI, Silvia. *O calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 80, pp. 115-147, 2008. Disponível em: journals.openedition.org/rccs/697. Acessado em: 8/3/2022.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. *Hegemony & socialist strategy: Towards a radical democratic politics*. Verso, 2001.

MORAGA, Cherríe; ANZALDÚA, Gloria (Ed.). *This bridge called my back: Writings by radical women of color*. New York: Kitchen Table (Women of Color Press), 1983.

MORRISON, Toni. *A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura*. Companhia das letras, 2019.

PINTO, Júlio Roberto de Souza; MIGNOLO, Walter. A modernidade é de fato universal? Reemergência, desocidentalização e opção decolonial. *Civitas*, v. 15, pp. 381-402, 2015. Disponível em: doi.org/10.15448/1984-7289.2015.3.20580. Acessado em: 7/4/2022.

SCHWARTZ, Jorge. *Murilo Rubião: A poética do uroboro*. São Paulo: Ática, 1981.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia clínica*, v. 20, pp. 65-82, 2008. Disponível em: doi.org/10.1590/S0103-56652008000100005. Acesso em: 1/5/2022.

VILLADA, Camila Sosa. *O Parque das Irmãs Magníficas*. Tusquets, 2021.

WALLERSTEIN, Immanuel. *The Modern World-System I*. University of California Press, 2011.

Recebido em 09/06/2022.

Aceito em 11/10/2022.